



Crônica da Cidade

MARIANA NIEDERAUER | mariananiederauer.df@dabr.com.br

Hermeto e a música que segura o mundo

Tem dias que acordo me sentindo especialmente privilegiada. Ter compartilhado o mesmo tempo e espaço que Hermeto Pascoal é mais do que acaso. Supera a sorte. Talvez a descrição precisa só ele, o Bruxo, pudesse fazer, tirando o som de um

de seus objetos-percussão encantados.

A passagem de Hermeto me ajuda a entender cada dia mais a dimensão daquele senhor barbudo e discreto que vi passar pelos corredores do jornal uma ou duas vezes. Nos primeiros momentos, foi difícil acreditar que se tratava de ele mesmo, mas era.

No anúncio oficial da página do artista, um poema musical para deixar acalantar o coração: “Este canto vem, de longe / A distância não sei dizer / Salve, salve a toda a gente / Que vive e deixa viver / Aqui vai nosso abraço / Com o som e o saber / Tirando de nossas mentes / As palavras

pra dizer / A música segura o mundo / Enquanto a gente viver / É a maior fonte sem fim / De alegria e prazer / Toquem, cantem, minha gente / Até o dia amanhecer”.

O alagoano era a própria definição de cidadão do mundo — global no sentido menos banal e mais profundo do termo. Era inteligível e navegava por diferentes gêneros com seus hermetismos pascais, que tanto nos confundem quanto nos encantam. Arrebataram, por exemplo, Caetano Veloso, criador do termo. Ele, por sua vez, com as caetanices que lhe são peculiares.

“Será que apenas os hermetismos pas-

coais / E os tons, os mil tons / Seus sons e / seus dons geniais / Nos salvam, nos salvarão / Dessas trevas e nada mais”, cantou o baiano, deixando explícita a potência de dons como os de Hermeto, que, como curiosamente destacou o conterrâneo nordestino, não tinha nada de hermético.

Pelo contrário. Além de genial, o multi-artista era generoso. Compartilhava com os companheiros de ofício e conosco, seu público, aquilo que rodava sua mente inquieta. Para tentar traduzir, pintava, coloria, usava todo tipo de objeto como canva. E, pasmem, Hermeto tinha as canetinhas que viraram tendência entre jovens e ado-

lescentes, aquelas do estojo preto comumente encontrado em kits com o livro de colorir chamado *Bobbie Goods*.

Ele, é claro, dispensa o livro de contornos pré-definidos. Preferia os contornos da própria mente criativa e inquieta. O músico Pedro José tem se dedicado a produzir um arquivo digital para a música de Hermeto, reunindo partituras que ele escrevia nos mais diferentes formatos — até mesmo num assento de vaso sanitário — e também alguns desenhos e cores pintados sobre papel, papelão e tecido. Assim, sem sorte nem acaso, Hermeto nos acompanhará por mais zil anos.

TRÂNSITO/ Frota de carretinhas no DF cresceu 5,2% em dois anos. Especialistas alertam para os riscos de dirigibilidade e a importância da manutenção preventiva para garantir a segurança na condução desse tipo de equipamento

Fotos: Ed Alves CB/DA Press



Jaber Souza conta que levou seis meses para se acostumar a dirigir usando a carretinha



Gabriel Silva (à frente) diz respeitar os limites de velocidade e de carga para evitar acidentes

Perigo do reboque nas ruas

» DAVI CRUZ
» LAÍSA RIBEIRO*

O uso de carretinhas para o transporte de cargas no dia a dia é comum no Distrito Federal. Mas apesar de facilitarem o deslocamento de materiais e equipamentos, esses reboques engatados em veículos de médio e grande porte também representam desafios na direção.

Segundo o Departamento de Trânsito (Detran-DF), a frota atual de reboques em circulação na capital é de 28.973 unidades, contra 27.534 em 2023, um aumento de 5,2% em dois anos. O especialista em segurança viária Samuel Morgan alerta para os riscos que as carretinhas trazem ao trânsito, entre eles a alteração da estabilidade do veículo.

“Trata-se de uma unidade independente, que promove carga no veículo principal e altera a previsibilidade de tração e o equilíbrio planejado de fábrica”, explica. Ele ressalta, inclusive, que alguns fabricantes não recomendam o uso de engates, sendo essencial verificar no manual do veículo a Capacidade Máxima de Tração (CMT) antes de instalar o equipamento.

De acordo com Morgan, as principais mudanças estão ligadas à dirigibilidade. “O conjunto veículo-reboque fica mais pesado, influenciando diretamente em manobras de direção, como frenagem, conversões e marcha a ré. A distância de frenagem, por exemplo, aumenta significativamente, tendo em vista que o conjunto possui uma massa maior. Na marcha a ré, o volante deve ser guiado na direção oposta ao



A carretinha acoplada aumenta os pontos cegos do motorista e também pode prejudicar a visão dos condutores que seguem nos veículos de trás

movimento e a manobra deve ser feita devagar, observando sempre o deslocamento”, esclarece.

A visibilidade é outro fator de atenção, conforme o especialista, pois a carretinha acoplada aumenta os pontos cegos do motorista e também pode prejudicar a visão dos condutores que seguem nos veículos de trás. “Esse problema se agrava se o reboque não tiver dispositivos de iluminação em bom estado, como lanternas de freio e setas”, alerta.

Usuários

O empresário Jaber Souza de Carvalho, 42 anos, usa a mesma carretinha há duas décadas para o trabalho com entregas de embalagens e relata que a adaptação não foi imediata. “Levei uns seis meses para me acostumar. Mas hoje, depois de 20 anos, nem percebo mais. É algo natural”, conta ele, reforçando a importância da manutenção preventiva para evitar problemas.

Gabriel Silva, produtor de eventos, 31, que trabalha com montagem de som e iluminação, também lida diariamente com o reboque e admite que dirigir com ele exige atenção redobrada. “No trânsito é complicado, ainda mais quando a gente leva muito peso e a carretinha começa a ‘sambar’. Se andar muito rápido, corre o risco de perder o controle e acontecer um acidente”, explica. Para ele, respeitar os limites de velocidade

e de carga é o que garante a segurança no dia a dia.

Atuando há 15 anos no mercado musical, Danilo Cândido, conhecido como DJ Nilo, usa carretinha há cinco para transportar seus equipamentos e acredita que a manutenção preventiva é essencial. “A maioria dos problemas acontece porque não se faz a manutenção. Já vi muitos acidentes por falta de cuidado. Por isso, sempre troco pneus, confiro

os amortecedores e a iluminação para garantir que está tudo certo”, ressalta.

Normas

O Código de Trânsito Brasileiro determina que todo veículo articulado seja registrado no Detran. A Resolução nº 937 do Contran estabelece que engates devem ser produzidos por empresas registradas no Inmetro e conter plaqueta visível com dados do fabricante e da CMT.

Sobre habilitação, o Código de Trânsito Brasileiro (CTB) estabelece que, para carretinhas leves (até 3.500 kg de PBT), basta a CNH categoria B, desde que o veículo seja compatível. Acima desse peso, é necessário ter categorias C ou E, que exigem requisitos mais específicos, como curso e exame toxicológico, principalmente em caso de atividade remunerada.

Considerados veículos de carga independentes, os reboques e semirreboques não têm tração própria. As principais diferenças entre eles são o número de eixos, o tipo de veículo trator que suportam e a forma de encaixe.

Com dois ou mais eixos, o reboque deve ser engatado e pode ser preso a um veículo automotor, caminhão simples ou caminhão trator. Já semirreboque tem um ou três eixos. Além disso, na hora da acoplagem, parte do peso fica sobre os eixos e a outra, no veículo trator.

*Estagiária sob supervisão de Eduardo Pinho

Obituario

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 14/09/2025

» CAMPO DA ESPERANÇA

Antônio Fernando de Oliveira, 62 anos
Ella Fiamoncini, 94 anos
Fátima Braga Mendes, 84 anos
Gabriel da Conceição Souza, 25 anos
Geraldo Pereira de Sousa, 59 anos
Inácio Vieira da Silva, 86 anos
Iranir de Mattos Pinto, 87 anos
João Freire de Souza, 89 anos
João Luiz Pereira, 68 anos
Joaquim da Rocha e Silva, 78 anos
José Carlos Teixeira, 63 anos
José Correia da Silva, 93 anos

Juliana Naasam Moura dos Santos, 36 anos
Juraci dos Santos Lima, 88 anos
Jurema Teodoro Marinho, 50 anos
Luís Augusto Moura, 66 anos
Luís Augusto Tasso Fragoso, 61 anos
Maria Valdemia Rodrigues Pereira, 52 anos
Patrerson Pereira, 79 anos
Raimundo Lira da Silva, 87 anos

» TAGUATINGA

Antônia Isabel dos Santos Luz, 81 anos
Antônio da Conceição, 91 anos
Ermídio Ribeiro dos Santos, 97 anos
Gabriel de Arruda Conti, 18 anos
José Rodrigues de Carvalho, 80 anos

Luiza Maria de Jesus, 90 anos
Maria da Conceição Rocha, 99 anos
Marlon Junio Sousa da Silva, 35 anos
Ninfa de Almeida Nunes, 54 anos
Oswaldo Alves Costa, 64 anos
Paulo Cesar Lopes Conde, 56 anos
Vania Gonçalves Nunes Ferreira de Paula, 58 anos

GAMA

Arnaldo José da Silva, 60 anos
Boaventura da Conceição Santos, 86 anos
Geraldo Soares de Andrade, 58 anos
Goiacyara de Sousa Silva, 94 anos
Joaquim Ferreira Nunes, 72 anos

José Alves de Almeida, 84 anos
José Cacimiro, 60 anos
Marineide Bispo dos Santos, 55 anos
Sílvia de Jesus Brito Campelo, 70 anos

» PLANALTINA

Arnaldo José da Silva, 70 anos
Raimundo Gomes da Silva, 89 anos

» BRAZLÂNDIA

Ambrósio Diniz de Campos, 49 anos
Francisca Sales Ferreira, 79 anos

» SOBRADINHO

Altair Gomes Pinheiro, 69 anos
Josefa Porfirio de Souza, 95 anos

Raimunda Bezerra Costa, 80 anos
Rodrigo Ramos de Almeida, 39 anos
Yuri Kauan Silva dos Santos, 21 anos

» JARDIM METROPOLITANO

Maria José Travassos do Carmo, 64 anos
Guilherme Anderson da Costa Santos, 22 anos
Mirian Bernadete Trindade, 66 anos
Margarete Gomes dos Santos, 67 anos
Maria de Souza, 89 anos (cremação)
Maria Carrilho de Matos, 77 anos (cremação)
Denise da Silva Oliveira Tavares, 59 anos (cremação)
Doriné Santos Gomes, 72 anos (cremação)
Luiz Joaquim Castelo Branco Carvalho, 76 anos (cremação)